

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Paulo Branco ou a Vã Glória de Produzir
6 de Outubro de 2026

LE MARIAGE À TROIS / 2009

O Casamento a Três

um filme de Jacques Doillon

Realização e Argumento: Jacques Doillon / **Fotografia:** Caroline Champetier / **Montagem:** Frédéric Fichet / **Música:** Philippe Sarde / **Som:** Erwan Kerzanet / **Interpretação:** Pascal Greggory (Auguste), Julie Depardieu (Harriet), Louis Garrel (Théo), Agathe Bonitzer (Fanny), Louis-Do de Lencquesaing (Stéphane).

Produção: Alfama Films, France 3 Cinéma / **Produtor:** Paulo Branco / **Cópia:** em 35mm, cor, falado em francês e legendada em português / **Duração:** 100 minutos / **Estreia Mundial:** 21 de Abril de 2010, França / **Estreia em Portugal:** 19 de Agosto de 2010 / **Primeira exibição na Cinemateca:** 17 de Outubro de 2015, Ciclo “Jacques Doillon” (data da primeira versão deste texto, agora revisto).

Théo: Porque escreve para teatro?

Auguste: Porque é onde se fala, no cinema só há silêncios.

O teatro, o amor, a arte e a vida, nas suas diferentes relações, são os grandes temas de um filme cujo título resulta de um "casamento a três" (ou a quatro) proposto por uma das personagens. A um real casamento corresponderia a proposta de uma escrita para dois (ou três) actores e a possibilidade de reconciliação de um dramaturgo (Auguste, interpretado por Pascal Greggory), com a sua ex-mulher e musa, com o teatro e com vida.

O ponto de partida de Doillon foi um episódio da vida de um outro dramaturgo, também ele Auguste (Strindberg) e uma carta que este escreveu à sua ex-mulher, quando já vivia com uma jovem actriz. Partindo desta ideia de triângulo amoroso, mas também de uma noção da dificuldade em lidar com a perda e da necessidade de continuar a viver, Doillon constrói outras relações entre personagens cujos destinos se cruzam: Auguste não consegue desligar-se da mulher de que se separou, a actriz para a qual escreve grande parte das suas peças; esta, Harriet, surpreende-o com um novo casamento marcado com Théo, actor que comparece na peça que Auguste resiste em terminar; finalmente entra em cena a muito jovem Fanny, estudante candidata a actriz que se envolverá com Auguste.

O argumento é simples, embora as relações se revelem complexas num filme em que todos se apresentam como jogadores envolvidos numa perpétua dança, que J.B. Morain em *Les Inrockuptibles* descreve apropriadamente como uma "comédia de recasamento", e em que a concentração do espaço – a casa de campo para a qual Auguste convida os restantes convivas – corresponderá a concentração temporal, uma vez que toda a acção de desenrola num único dia. Jacques Doillon vai buscar ao universo do teatro não apenas esta ideia de uma unidade espaço-temporal e as suas personagens, que aqui têm plena oportunidade para duplicar os seus papéis enquanto actores de um filme e de uma peça em vias de ser acabada, mas também alguma leveza de meios e a adopção de um método de filmagem e de direcção de actores que estará mais próximo dos ritmos intrínsecos do teatro do que de grande parte do cinema actual.

A grande diferença entre a opção de Doillon pela realização de um filme em detrimento de uma encenação teatral, não estará obviamente em sintonia com a resposta que Auguste dá a Théo, quando este refere que escreve para teatro porque aí há lugar para o texto enquanto no cinema só há silêncios. O cinema de Doillon, e este filme muito em particular, é um cinema do diálogo e de uma verborreia incessante, pelo que assim se percebe toda a ironia contida na frase atrás citada, que não é isenta de uma profunda nostalgia por uma perda da palavra no cinema. Numa entrevista aos *Cahiers du Cinéma* Doillon referiria como é cada vez mais complicado trabalhar com muito texto no cinema: "Se gosto muito de trabalhar com jovens e crianças é porque eles têm uma boa memória. Há cada vez mais problemas ao nível da memorização, mas não é apenas um problema dos actores, pois o diálogo desaparece progressivamente do cinema."

São muitos os cineastas da palavra, pensamos por exemplo em Eric Rohmer, com a sua componente mais realista, ou em Sacha Guitry ou Rivette, cujo cinema, de diferentes formas, revela também uma acentuada componente teatral, mas, no caso de Doillon, a palavra surge sempre associada a uma ideia de intimidade e a uma forte fisicalidade, a um corpo a corpo entre actores e a um fazer corpo com a câmara, que o afasta destes cineastas. Tudo passa pela palavra, mas também pelo excesso de um confronto entre os corpos, pelo desejo que manifestam e por irreprimíveis movimentos pulsionais. Uns disparar caçadeiras, gritam, ou expõem-se ao ridículo, e outros embrenham-se na expressão dos seus mais básicos desejos, sempre acompanhados de perto por duas câmaras que filmam em simultâneo (um dos aspectos técnicos mais curiosos de **Le Mariage à Trois**, que permite conservar a justeza do jogo de actores e multiplicar as suas possibilidades ao nível da montagem). Tudo parece complicado, mas tudo se resolverá com a mesma simplicidade com que Auguste subitamente dirá "penso que irei amar Fanny com muita força". De uma musa passará para outra e assim ficará garantida a continuidade da sua inspiração e o início de um "novo ciclo", num filme que assim se revela circular.

Joana Ascensão